

Estratégias de comunicação a desenvolver nos “mundos” da igreja católica – processos de transformação social que permitam o acesso de mulheres ao sacramento da ordem e de padres e bispos ao sacramento do matrimónio

António de Oliveira Pena

antoniopena@netcabo.pt

CICANT/ CIC. Digital

Resumo

A comunicação aponta caminhos para obter competências sobre um *novo modelo de mediação* a utilizar nos *mundos* da Igreja Católica. O *modelo* interliga competências de cinco paradigmas das ciências da comunicação: teoria da argumentação; pragmática; técnica; relação sistema/meio e critérios epistémicos. O ponto da situação da Igreja Católica obteve-se com base no estudo sobre o seu magistério e estrutura feito em livros, encíclicas e artigos de dois padres colaboradores regulares dos jornais Diário de Notícias e Público. Antes da concretização da proposta faz-se referência à teoria dos campos sociais para justificar que se aceite a comunicabilidade como meio para obter a mudança sem necessidade de investigação científica sobre os objetos sacramentais em análise. O texto termina com referências sobre a aplicação do *modelo* para conseguir na Igreja Católica as mudanças sugeridas, ou seja, que padres e bispos possam aceder ao sacramento do matrimónio e mulheres ao sacramento da ordem.

Palavras-chave: comunicação; igreja católica; igualdade; mulher; padre.

Introdução

O tema da comunicação integra-se nas transformações sociais favoráveis à igualdade da mulher e à valorização da família. A sua submissão no âmbito do tema *Género e Sexualidades* do IX Congresso da SOPCOM – *Comunicação e Transformações Sociais* – foi inspirada no facto do *mundo religioso* não estar referido no “*V Plano Nacional para a Igualdade do Género, Cidadania e Não-discriminação 2014/2017*”, de 31dez2013.

Este texto, base da comunicação oral realizada no Congresso, conduz à obtenção de competências sobre um *novo modelo de mediação a utilizar nos mundos* da Igreja Católica. O *modelo* foi trabalhado em curso e prova final de doutoramento (out1998/23jan2006) na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH/UNL).

O ponto da situação da Igreja Católica foi preparado a partir do estudo do seu magistério e estrutura seculares e vivências atuais dinamizadas pelo Papa Francisco. A comunicação termina sugerindo a aplicação do *modelo* como instrumento para *desafiar* o Papa Francisco a envolver-se para se estudar na Igreja Católica a possibilidade do acesso de padres e bispos ao sacramento do matrimónio e de mulheres ao sacramento da ordem.

1. Ponto da situação sobre a igreja católica

Ao percorrer a *Nova BÍBLIA* dos Capuchinhos, 1ª ed, nov98, na procura de aspetos da estrutura teológica sobre os assuntos em análise, apenas se obtiveram referências sobre a possibilidade de padres e bispos acederem ao matrimônio.

A pesquisa começou pelo Antigo Testamento onde no Génesis se destaca, “*Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher. Abençoando-os, Deus disse-lhes: Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra.*” (1. 27/28, p 25).

Levítico, referindo-se ao Sumo-sacerdote. “*Tomará para esposa uma virgem. Não casará com uma viúva, com uma mulher repudiada ou desonrada pela prostituição. Só poderá tomar por mulher uma virgem do seu povo. Assim, não desonrará a sua descendência no meio do seu povo. Eu sou o SENHOR que o consagrei.*” (21 13/14/15 pp 194/195).

Novo testamento, primeira carta a Timóteo, Qualidades do bispo, “*Mas é necessário que o bispo seja irrepreensível, marido de uma só mulher, sóbrio, ponderado, de bons costumes, hospitaleiro, capaz de ensinar, que não seja dado ao vinho, nem violento, mas condescendente, pacífico, desinteressado; que governe bem a própria casa, mantendo os filhos submissos, com toda a dignidade. Pois, se alguém não pode governar a própria casa, como cuidará ele da igreja de Deus?*” (3. 2/3/4/5 p 1954).

Carta a Tito, Qualidades dos presbíteros, “*Cada um deles deve ser irrepreensível, marido de uma só mulher, com filhos crentes, e não acusados de vida leviana ou de insubordinação.*” (1. 6 p 1966).

Para contrariar a proposta favorável ao matrimônio de padres e bispos, mas no fundo precozizando a liberdade de cada um, salienta-se do Evangelho Segundo São Mateus, em *casamento e celibato*, “*Os discípulos disseram-lhe: ‘Se é essa a situação do homem perante a mulher, não é conveniente casar-se!’ Respondeu-lhe Jesus: ‘Nem todos compreendem esta linguagem, mas apenas a quem isso é dado. Há eunucos que nasceram assim do seio materno, há os que se tornaram eunucos pela interferência dos homens e há aqueles que se fizeram eunucos a si mesmos, por amor do Reino do Céu. Quem puder compreender, compreenda.’*” (19. 10/11/12 p 1600).

Encíclica do Papa Francisco, “*Carta Encíclica Laudato si*” – Louvado sejas sobre o cuidado da Casa Comum”. Pode contribuir para os aspetos teológicos que se procuram para fundamentar o objeto da comunicação, trabalhando-se três passagens:

Cap. III – A raiz humana da crise ecológica – nº 3, Crise do antropocentrismo moderno e suas consequências estudando aspetos de inovação. “*Espera-se ainda o desenvolvimento duma nova síntese, que ultrapasse as falsas dialéticas dos últimos séculos. O próprio Cristianismo, mantendo-se fiel à sua identidade e ao tesouro de verdade que recebeu de Jesus Cristo, não cessa de se repensar e reformular em diálogo com as novas situações históricas, deixando desabrochar assim a sua eterna novidade.*” (121, p 84).

Cap. IV – Uma ecologia integral – nº 3, Ecologia da vida quotidiana, “*Aprender a aceitar o próprio corpo, a cuidar dele e a respeitar os seus significados é essencial para uma verdadeira ecologia humana. Também é necessário ter apreço pelo próprio corpo na sua feminilidade ou masculinidade, para se poder reconhecer a si mesmo no encontro com o outro que é diferente. Assim, é possível aceitar com alegria o dom específico do*

outro ou da outra, obra de Deus criador, e enriquecer-se mutuamente. Portanto, não é salutar um comportamento que pretenda ‘cancelar a diferença sexual, porque já não sabe confrontar-se com ela’.” (155, pp 106/107)

Cap. VI – Educação e espiritualidade ecológicas – nº 2, Educar para a aliança entre a humanidade e o ambiente. Nesta abordagem destaca-se: *“Na família, cultivam-se os primeiros hábitos de amor e cuidado da vida, como, por exemplo, o uso correto das coisas, a ordem e a limpeza, o respeito pelo ecossistema local e a proteção de todas as criaturas. A família é o lugar da formação integral, onde se desenvolvem os distintos aspetos, intimamente relacionados entre si, do amadurecimento pessoal. Na família, aprende-se a pedir licença sem servilismo, a dizer ‘obrigado’ como expressão duma sentida avaliação das coisas que recebemos, a dominar a agressividade ou a ganância e a pedir desculpa quando fazemos algo de mal. Estes pequenos gestos de sincera cortesia ajudam a construir uma cultura da vida compartilhada e do respeito pelo que nos rodeia.”* (213, p 141).

Num terceiro conjunto de referências observou-se o livro, *“Papa Francisco – Conversas com Jorge Bergoglio”*. O único livro-entrevista sobre o Papa Francisco, preparado quando era arcebispo de Buenos Aires, primaz da Argentina e cardeal nomeado pelo Papa João Paulo II, contém valências pedagógicas sobre a doutrina social da igreja em aspetos éticos e económicos.

Em relação a celibato de padres e bispos e ordenação de mulheres o primeiro assunto é analisado no tema IX, *O claro-escuro da consciência*, mas o segundo nem sequer é afluído em nenhum dos quinze temas. Em relação ao celibato a pergunta incluiu três questões: *“a eliminação do celibato diminuiria os casos de abuso sexual? Possibilitaria o crescimento do número de sacerdotes? Tornar-se-ia opcional, a médio ou longo prazo?* Na altura o cardeal Bergoglio respondeu na forma que nos parece de ter como certo que essa mudança iria ocorrer. Da resposta salienta-se: *“(…) supondo que a Igreja decidisse rever essa norma, creio que não o faria por causa da escassez de sacerdotes. (...) Insisto: se a Igreja chegar alguma vez a rever esta norma, ela enfrentá-la-ia como um problema cultural de um lugar determinado, não de uma forma universal e como uma opção pessoal. É essa a minha convicção.”* (p 98).

As *Conversas* podem contribuir para justificar as duas propostas. No tema VII, *O desafio de sair ao encontro das pessoas*, observa-se abertura à possibilidade de se estudar o ordenamento de mulheres quando o cardeal salienta; *“Rever a vida interna da Igreja para sair ao encontro do povo fiel de Deus. A conversão pastoral chama-nos a passar de uma Igreja ‘reguladora da fé’ para uma Igreja ‘transmissora e facilitadora da fé.’*” (pp 80/81). No tema XI, *A construção de uma cultura do encontro*, infere-se da resposta à pergunta, como se avança para uma cultura do encontro, disposição cultural e religiosa para aceitar mudanças. Eis a resposta: *“Para já, refletindo profundamente sobre o que é a cultura do encontro humano. Uma cultura que pressupõe, como ponto central, que o outro tem muito para dar. Que tenho de ir ao seu encontro numa atitude de abertura e escuta, sem preconceitos, isto é, sem pensar que pelo facto de ele ter ideias contrárias às minhas, ou ser ateu, não me pode trazer nada. Não é assim. Toda a pessoa pode dar-nos alguma coisa e toda a pessoa pode receber alguma coisa de nós. O preconceito é como um muro que impede que nos encontremos.”* (pp 113/114).

Este terceiro conjunto de referências termina com a obra coordenada pelo padre, doutor, professor de filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Anselmo Lopes, *Deus ainda tem futuro?* O livro tem origem no Colóquio Internacional realizado no Seminário da Boa Nova, Valadares, Gaia, em 12/13out2013, subordinado à pergunta *Deus ainda tem futuro?* As conferências foram produzidas por especialistas e abordam onze temas. Para fundamentar as duas sugestões apenas se retiram quatro passagens de, *O rosto feminino de Deus*, da teóloga Isabel Gómez-Acebo, professora na Universidade Comillas, Madrid. “A mão que embala o berço pode pegar no leme do barco e todos os seres humanos têm o dever de aumentar as qualidades com que nasceram, independentemente dos seus sexos. Mas dentro desta ordem de coisas também é bom que estejamos conscientes de que as imagens da mãe e da esposa, são as que têm algo de diferente a acrescentar à pessoa do Deus tradicional pois, hoje em dia, a figura da mulher, nas restantes relações humanas, não difere substancialmente da do homem.” (Donde vimos? p. 185). Depois, *Um Deus débil?* P. 196, “Os homens projetaram um Deus adornado com todas as virtudes que o seu género valorizava e que são as virtudes que a antropologia mediterrânica considerava idóneas para um homem: o poder, a majestade, a justiça, a paternidade, a força... e nós, as mulheres, em paralelo, oferecemos outras, como, por exemplo: a nuvem, a tenda, a água, o caminho.” A seguir, “Mas as palavras não chegam: muitas coisas têm que mudar no nosso Credo, para que nós, mulheres, possamos projetar a imagem dessa forma de ser divina. Creio que o atual Papa tem essa preocupação quando fala de resgatar o génio feminino na Igreja.” (A modo de conclusão. p. 202). Por fim, “O nosso atual Papa está a fazer algo parecido, uma teologia na vida diária de sinais e atitudes. Por isso, penso que vale a pena continuar por estes caminhos, e pergunto-me pelas razões que levaram a nossa cegueira a impedir-nos antes de descrever Deus nestes termos.” (p. 204).

Também se analisou a imprensa ao longo dos últimos meses.

Frei Bento Domingues (*Público*, artigos dominicais de 26abr a 08nov15).

Observaram-se 17, mas apenas o publicado em 19jul15 – *A religião não é para mulheres* – proporciona aquisição de conhecimentos relacionados com as duas questões. Para além de clarificar a origem e percurso dos *cursos de cristandade em Portugal*¹ que “foram uma pedrada eficaz no charco do conformismo antirreligioso”, aponta pistas para estudar, “um catolicismo feminista, sem complexos nem obsessões anti masculinas. É sempre como mulheres e homens que Deus os cria e recria, sem subordinações nem imposições recíprocas. São apenas admiravelmente diferentes e cooperantes. Substituindo o poder de dominar pelo gosto de servir a emancipação de todos os seres humanos, as mulheres retomam o testemunho do Evangelho da ressurreição do mundo.” Padre Anselmo Borges (*Diário de Notícias*, artigos publicados aos sábados de 15nov14 a 07nov15) tendo-se analisado 26. A maioria contribui para o *Ponto da Situação*, podendo começar as observações pelo de 27dez14, *Catálogo das doenças da Cúria*, onde destacamos cinco das quinze *doenças* mencionadas:

“1. Tudo gira à volta da patologia do poder. Assim, a primeira doença é a de sentir-se imortal, indispensável, que leva ao narcisismo e a considerar-se superior a todos e não ao serviço de todos;

1. Durante a comissão de serviço militar exercida em Angola (tenente, 1966/68) frequentei um *curso de cristandade* em Luanda (1967).

11. *Doença da indiferença para com os outros;*
 13. *A doença da acumulação de bens materiais, querendo assim preencher um vazio existencial no coração;*
 14. *A doença dos círculos fechados, com o perigo de cortar a relação com o Corpo da Igreja e até com o próprio Cristo;*
 15. *A última é a doença do mundanismo do exibicionismo transformando o serviço em poder.”*

O artigo termina motivando para as duas mudanças. *“Francisco é consciente de que, sem reformas estruturais na Igreja, corre o risco de, desaparecendo ele, o seu pontificado vir a ser considerado como um simples parêntesis. Por isso, invocou a urgência de conversão da Cúria. Fê-lo, à luz do Evangelho, frente à Cúria e sabendo que a maior parte da Igreja e da opinião pública mundial está do seu lado.”*

Outro artigo importante, 28fev15, *Sobre sexo e gênero (1)*. O padre Anselmo Borges, no contexto dos debates sobre a família no Sínodo, aborda assuntos sobre o tema na sequência de ideias que já tinha expressado no prefácio do livro *Vagina – Uma Nova Biografia*, da feminista norte-americana Naomi Wolf.² O artigo em 2 diz: *“As religiões, particularmente as monoteístas, têm responsabilidades especiais no patriarcalismo, não só dentro delas próprias, mas também por causa do reforço patriarcal que exercem noutros domínios. Pense-se nomeadamente no Islão e na Igreja Católica. (...) Fixo-me por agora na Igreja Católica. Esta é hoje a única instituição verdadeiramente global, mas ferida pela submissão das mulheres e pelo não reconhecimento da igualdade de direitos com os homens. (...) a Igreja constantiniana enquanto instituição de poder levaram a uma discriminação das mulheres que não é de modo nenhum consentânea com o Evangelho de Jesus.”*

Na sequência do artigo anterior publica-se na semana seguinte, 07mar, *Sobre sexo e gênero (2)*, a parte final, *“Também penso que ‘as mulheres devem preservar a sua diferença, porque ela é enriquecedora’, como diz Maria Antónia Palla. Mas a potenciação do acesso das mulheres ao poder e aos lugares de decisão, também na Igreja, não poderia, por isso mesmo, facilitar e enriquecer a vida da própria Igreja?”*.

Em 02mai, *“Não ao machismo”*, diz Francisco, número 3: *“A Igreja Católica, contra a vontade de Jesus, não constituiu exceção e é atualmente uma das últimas grandes instituições machistas do Ocidente. Com o Papa Francisco, abrem-se algumas portas. Acaba de denunciar o machismo: ‘Pensemos nos excessos negativos da cultura patriarcal e nas múltiplas formas de machismo, onde a mulher é considerada de segunda classe.’ (...) Acaba de denunciar o ‘escândalo’ de as mulheres ganharem menos: ‘Para trabalho igual salário igual.’ Falta a abertura ao sacerdócio ordenado, a que nem a Bíblia nem o dogma se opõem. Karl Rahner, talvez o maior teólogo católico do século XX, escreveu: ‘A prática da Igreja Católica de não ordenar mulheres para o sacerdócio não tem nenhum conteúdo teológico obrigatório. A prática*

2. A participação do padre Anselmo Borges no livro de Naomi Wolf, prefácio e apresentação da tradução portuguesa, provocaram ecos na imprensa, DN 22mar14, jornalista Joana Emídio Marques. Este assunto tem sido trabalhado em conferências que tenho proferido (2014 e 2015) sobre *Estratégias de Comunicação a desenvolver nos mundos da Idade Maior (pessoas idosas – mais de 65 anos)*, na parte respeitante a *Âmbitos da comunicabilidade a destacar*, alínea, c. *Metodologia de comunicação para valorizar o prazer sexual como agente de redução de stress e promotor de saúde.*

atual não é um dogma’. Foi seguido pelo cardeal Karl Lehmann, durante muito tempo presidente da Conferência Episcopal Alemã e pelo cardeal José Policarpo, entre outros. O cardeal Carlo Martini visitou em 1990 o então arcebispo de Cantuária, George Carey, dizendo-lhe que a sua abertura ao sacerdócio feminino poderia ajudar os católicos a serem ‘mais justos com as mulheres’; por esse motivo e outros, ‘os homens da Igreja têm de pedir perdão às mulheres.’ Uma questão de direitos humanos”.

No artigo de 25jul, “*Francisco: uma Igreja outra*”, justifica as questões a partir do pensamento do grupo de leigos alemães, Bensberger Kreis expresso em 1970, “*O ponto nevrálgico da crise do desenvolvimento da Igreja Católica no momento atual consiste em que no âmbito eclesial não estão em vigor os princípios da democracia moderna. O que é de todos tem de ser participado e decidido por todos.*”. Para além de pedir compreensão para a integração plena na vida da Igreja, incluindo a comunhão sacramental dos recasados e dos homossexuais, salienta na parte final do artigo. “*Impõe-se repensar a lei do celibato obrigatório. Aqui, pergunto eu: pode a Igreja impor como lei o que Jesus entregou à liberdade? O celibato enquanto lei não será contra a natureza humana? Já se pensou suficientemente na miséria humana, afetiva e moral, a que esta lei pode levar? Não poderá Francisco permitir a ordenação de homens casados ‘provados’ e reintegrar padres que tiveram de abandonar o exercício do sacerdócio para se casar? Os leigos têm de ver reconhecidos os seus direitos na Igreja. Aqui, também sou eu que digo: ao nível institucional, a Igreja tem pela frente duas tarefas urgentes: a da democracia e a do reconhecimento da igualdade das mulheres.*”

O padre Anselmo Borges, em 18ago, “*Voz político-moral global (1)*”, destaca uma mudança como podendo ocorrer com o Papa Francisco. “*O pastor e professor universitário N. Saracco falou com Francisco sobre a lei do celibato obrigatório dos padres. ‘Se ele conseguir sobreviver às pressões da Igreja hoje e aos resultados do Sínodo sobre a família, acho que está em condições para falar sobre o celibato’, afirma. Perguntado pelo jornalista se se trata apenas de uma intuição, Saracco tem ‘um sorriso maroto’ e diz: ‘É mais do que intuição’. Já como estudante, Francisco revelou, nas palavras de Scannone, um ‘elevado discernimento espiritual e capacidade política’. Agora, quer operar uma revolução na Igreja, sabendo ao mesmo tempo que tem responsabilidades mundiais, e, de facto, tornou-se uma voz político-moral global.*”

“*As mulheres nas religiões*”, publicado em 22ago, salienta: “*Jesus tratou bem as mulheres: rodeado por elas, que também podiam ser discípulas, foram-lhe fiéis até à morte, ao contrário dos discípulos homens, que fugiram. Mas as Igrejas católica e ortodoxas discriminam-nas, impedindo-as, por exemplo, de aceder aos ministérios ordenados. Já não é o caso entre as Igrejas protestantes, mais próximas do texto evangélico.*” O artigo termina com “*Que caminho longo a percorrer até à dignidade na igualdade e à igualdade na dignidade!*”.

Neste ponto da situação mais se podia acrescentar, mas o referido demonstra que o Papa Francisco pode conseguir as mudanças necessárias para padres e bispos poderem aceder ao sacramento do matrimônio e mulheres ao sacramento da ordem.

2. Teoria dos campos sociais

Contributo para justificar que se aceite a comunicabilidade correta como meio para ajudar a obter mudanças estruturais na Igreja Católica.³

A referência aos *campos bourdieusianos* procura que se aceite que trabalhar a *Comunicação* como instrumento é suficiente para conseguir as duas mudanças. Embora se admita que as questões possam necessitar de investigação baseada em estatísticas para obter sucesso, a evidência da oportunidade da mudança, aceita a limitação.

A chamada de Pierre Bourdieu a aspetos metodológicos, interligando *sociologia*, mobiliza para a consulta dos campos e dos habitus. “A *sociologia toca interesses, por vezes vitais. E não podemos contar com os patrões, os bispos ou os jornalistas para elogiarem a cientificidade de trabalhos que põem a descoberto os fundamentos escondidos da sua dominação para trabalharem a divulgação dos seus resultados.*” (Bourdieu, 2003, pp. 9-10).

No respeitante a *campo* recorre-se a uma passagem da obra de Bourdieu, “*Pois também eu me lembrei muitas vezes que, se existe uma verdade, a verdade é objeto de lutas. Esta afirmação vale muito particularmente para os universos sociais relativamente autónomos a que chamo campos e onde se enfrentam profissionais da produção simbólica em lutas que têm por objeto a imposição dos princípios legítimos de visão e de divisão do mundo natural e do mundo social*” (Bourdieu, 2001, p. 61).

O conceito de *habitus* em termos de esquemas estruturados de perceção, pensamento e formas de ação, constituído a partir dos modos de pensar e de viver dos diferentes *mundos* religiosos com disposição para realizar tarefas, aplica-se aos *campos* da mais variada composição que integram a envolvente da Igreja Católica. Este *habitus* reflete comportamentos, pensamentos e sensibilidades estéticas nos diferentes domínios da prática alertando para melhor interligação do coletivo com posturas individuais, podendo considerar-se *um sistema de esquemas* para a elaboração de práticas concretas.

Ao longo da carreira militar, iniciada aos 18 anos (1954) e ainda aos 79 a ser percorrida com participação no Conselho Deontológico da Associação dos Oficiais das Forças Armadas, na Revista Militar e na Comissão da História das Transmissões, sempre se teve a perceção da força do *poder simbólico*. Agora, sem esquecer a importância do individual onde a força do conceito se traduz em se poder considerar invisível, estamos atentos às *centrais produtoras* que atuam procurando nada dar a ver. “*As ideologias devem a sua estrutura e as funções mais específicas às condições sociais da sua produção e da sua circulação, (...)*” (Bourdieu, 1989, p. 159).

Nesta passagem pela *sociologia* de Bourdieu, também se relewa a *reflexividade* nos termos em que convida o investigador a *passar* por vivências relacionadas com o objeto em conjugação com a postura no campo intelectual fazendo percursos próprios nos *campos* em que se envolve. Esta procura de justificar que se pode trabalhar com eficiência o objeto em análise a partir de *investigação aligeirada*, termina salientando a dinâmica bourdieusiana protagonizada pela prática,

3. Este número foi preparado a partir da *Introdução – A teoria dos campos sociais de Pierre Bourdieu, enquanto contributos para operacionalizar a investigação empírica* – integrada no Capítulo IV, *Aspetos* da tese de doutoramento, *A Comunicação como forma para reduzir a Incerteza em situações complexas de Decisão. Processos decisórios envolventes da integração dos Corpos de Bombeiros no Sistema de Proteção Civil Português*; FCSH/UNL, maio de 2005, defendida em provas de doutoramento em 23jan06.

apresentada em “*O Que falar Quer Dizer*”, quando salienta: “*Vemos que todos os esforços para encontrar, na lógica propriamente linguística das diferentes formas de argumentação, de retórica e de estilística, o princípio da sua eficácia simbólica estão votados ao insucesso enquanto não estabelecerem a relação entre as propriedades do discurso, as propriedades daquele que as pronuncia e as propriedades da instituição que o autoriza a pronunciá-las.*”⁴

3. Novo modelo de mediação como instrumento para conseguir mudanças na Igreja Católica

Para melhorar a comunicabilidade em ambientes suscetíveis de mudança, mas de tradições que dificultam inovação importa aplicar caso a caso o *modelo de mediação*.

Quem terá interesse no nosso trabalho e preocupações, nos nossos *desabafos e meditações*, nos *mundos* da Igreja Católica? Que pessoas podem trabalhar o *modelo de mediação* para conseguir as mudanças? Que meios podem ser utilizados para alterar comportamentos? Para encontrar resposta para estes três objetivos, sugerimos que a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias através da sua área *Ciência das Religiões* organize um Encontro ao redor do tema.

O *modelo* de comunicabilidade constrói-se a partir da interligação de contributos da teoria da argumentação, pragmática, técnica, modelos valorizantes da relação sistema/meio (*improbabilidade da comunicação*) e de critérios epistémicos caraterizadores de racionalidades. O conjunto aplica-se a qualquer assunto interligando os cinco paradigmas [*vistos como esferas de competência* de diferentes (tamanhos) e nível pessoal ou desejo, disponibilidade para aprender, de saberes/práticas].

No *diagrama* (complexo esférico de comunicabilidade) constitui-se um espaço (*triângulo central*), *sugerindo* um mínimo de competências comuns.

Ao conjunto dos paradigmas interligados sobrepõem-se uma *coroa circular* de valores e atitudes: APRENDIZAGEM; PARTILHA (de poderes, saberes e economias), COERÊNCIA, VERDADE e EFICIÊNCIA. Na *coroa* de valores e atitudes, Verdade interliga-se nos conjuntos *Verdade/Autoridade* e *Verdade/Utilidade*, como valor a relevar na prática comunicativa.

No projeto de comunicabilidade *jogam-se* esferas de competência em todos os aspetos das diversas atividades humanas nunca se admitindo que apenas se aplique à gestão e liderança como, por vezes, se descreve no âmbito das ciências da comunicação.

4. BOURDIEU (1998); p 99.



* Teoria da Argumentação

O autor tem de se fazer compreender. A argumentação provoca, ou aumenta, a adesão do auditório às questões apresentadas. A ligação espiritual entre os interlocutores é indispensável à comunicação correta. O processo argumentativo obriga a prévio conhecimento dos valores admitidos pelos interlocutores. Quando o orador parte do princípio de que o auditório concorda com questões, que podem ser controversas, comete *petição de princípio*, erro grave quando se pretende persuadir. A oportunidade do objeto da comunicação e o prestígio do autor conseguidos através da observação do currículo, postura, juventude, experiência, competência e disponibilidade são vitais. Entoações, posturas, gestos e olhares desenvolvidos na interlocução, influenciam a eficiência da comunicação. A organização dos discursos ajuda a criar consensos. Na sequência do contexto, hábitos e conhecimento do auditório, a intervenção é preparada analisando os seus limites, temporal, social, económico e psicológico, face à quantidade e qualidade dos argumentos disponíveis.

* Pragmática

Os conceitos e metodologias a relevar na pragmática situam-se num processo comunicativo orientado para as consequências e para os efeitos das ideias. *Falar é agir*, quando se fala desenvolvem-se sentimentos, pensamentos e comportamentos. A *Pragmática* constitui-se processo privilegiado na interlocução livre, com o fim de entendimento recíproco e mútuo do ser humano. Neste *modelo* preferiu-se esta metodologia, tendo em vista aspetos práticos da comunicação, embora sabendo-se que a retórica e a argumentação são integradoras da pragmática, mas aqui preferiu-se situá-las em campos distintos.

A partir da obra “*A Partitura Invisível – Para a abordagem interactiva da linguagem*”, de Adriano Duarte Rodrigues, insiste-se na *Pragmática* tendo em vista que se dedica ao estudo da dimensão interlocutiva da linguagem e da sua relação com as outras dimensões (referencial e simbólica). O estudo da *Pragmática* é indissociável da dimensão dialógica e interativa da prática discursiva. “*Um enunciado pode visar destinatários das pessoas presentes quer se trate de destinatários ocasionais e imprevistos quer se trate de destinatários propositadamente visados pelo locutor. Posso ouvir uma discussão de que não sou o destinatário, através das paredes do quarto, ou posso ser o destinatário de um enunciado que o locutor realiza perante um outro ouvinte, sabendo que o estou a ouvir, sem querer, no compartimento contíguo à sala em que ele está a falar. Um viajante no autocarro pode dirigir a um vizinho um enunciado que é propositadamente dirigido ao funcionário da empresa rodoviária que se encontra próximo.*” (p 86 da obra referida).

* Técnica

A natureza cultural da evolução técnica recomenda que se aproveitem todas as potencialidades dos interlocutores, quer venham da experiência teórica quer da prática.

Agora (novembro de 2015) aderimos à comunidade virtual, protagonizada por computador, telemóvel e outras plataformas *multimédia*, ligados a redes nacionais e mundiais, mas evitando mentalidade tecnocêntrica com melhores contactos humanos e atividades corporais através de exercício físico, afeições e amizades.

* Relação Sistema/Meio (Improbabilidade da Comunicação – Luhmann)

O paradigma sistémico de Luhmann (1927/1998) constitui-se renovação na teoria geral dos sistemas dos anos 40/50 do século XX. Neste novo paradigma releva-se a interligação entre comunicação e sistema na formação de novo processo de comunicabilidade desligado de referências ontológicas e antropológicas.

Na teoria sistémica tradicional o todo era formado por partes, reunindo qualidades não possíveis em cada uma das partes. Na nova teoria as estruturas e processos só são possíveis em relação a certo ambiente. Os sistemas são objetos que criam e regulam relações autoimplicativas, sendo a sociedade considerada objeto capaz de produzir relações. A *Comunicação* é dispositivo de autorregulação, sendo as operações de seleção que produzem a informação o seu objetivo mais importante. No conceito atual de sistema a *comunicação* é importante na sua dinâmica desenvolvendo aspetos seletivos a três níveis:

- Produção do conteúdo informativo;
- Sua difusão;
- Aceitação do conteúdo com a respetiva alteração de comportamento.

A Improbabilidade da Comunicação acontece também em três níveis:

- Falta de compreensão porque os intervenientes entendem apenas o que a memória permite;
- Dificuldade de receção, por razões de espaço, tempo e diversidade de interesses;
- Resistência à aceitação do conteúdo e na mudança de comportamento.

A performance do sistema comunicacional consegue-se aplicando parte da *panóplia* dos meios envolvidos: linguagem, indispensável à compreensão por converter a primeira percepção na base contextual da comunicação, órgãos de comunicação social e dispositivos individuais para ultrapassar a intervenção face a face, comunicação simbólica, *dinheiro, poder, compromissos morais, influência, verdade no âmbito da ciência e verdade no âmbito da intimidade*, são meios de comunicação simbólicos.

Nesta comunicação apresenta-se um quadro de comunicabilidade capaz de ultrapassar resistências no complicado *mundo religioso*, considerando-se alguns aspetos sobre as referidas improbabilidades, uma vez que para além das turbulências que causam na caminhada comunicativa provocam uma certa desmotivação dos autores para ultrapassar o esforço necessário para se fazerem entender. Embora a *paisagem humana* que envolve a Igreja Católica tenha presente as dificuldades para comunicar, importa lembrar que muitos sujeitos da comunicação desistem de a protagonizar por não terem garantia de que as mensagens influenciam os interlocutores.

* Critérios Epistémicos

O processo argumentativo desenvolve-se demonstrando que a compreensão do discurso e das crenças do autor provoca no auditório a sensação de que a maior parte daquilo que exprime é verdade pelo que deve ser aceite e provocar alterações de comportamento (mudanças) nos auditores. O ceticismo evita-se com a presunção a favor da verdade e no evitar atitudes de dúvida sistemática. As reticências sobre as próprias potencialidades, ou sobre factos, circunstâncias e acontecimentos concretos, facilitam o ceticismo. O cético prejudica o ambiente social devido a frequentes temores, ansiedades e desconfianças. A percepção epistemológica da atualidade desenvolve-se na argumentação, no seu estatuto e na articulação da verdade com o racionalmente aceitável. Este último princípio recomenda que se aceite a falta de conhecimento nas diversas áreas, por um lado, mas por outro que se estudem e conheçam as partes e o conjunto para melhor se poder informar, comunicar e criar condições para alterar comportamentos, ou seja, releva-se a *aprendizagem* como caminho para adquirir *competências*. Esta componente do conjunto paradigmático de comunicabilidade é vital quando se pretende comunicar nos *mundos* envolventes da Igreja Católica. Os estudos sobre ela decorrem no campo da *Filosofia da Comunicação* integrando-se *Critérios Epistémicos* baseados na teoria coerencial da verdade e do conhecimento para melhorar o processo comunicativo. Esta integração faz-se a partir dos conceitos de Habermas orientados para a procura da possibilidade de comunicação e de consenso conseguidos através de atos de compreensão intersubjetiva visando encontrar alternativas através do melhor conhecimento das suas raízes. A epistemologia da linguagem ainda não foi assumida em ambientes científicos, mas constitui-se espaço de investigação na filosofia americana. As posições de Donald Davidson são neopragmáticas com características de racionalidade envolvendo o conceito de verdade ligado à comunicação.

No texto *Uma Teoria Coerencial da Verdade e do Conhecimento*, incluído na obra, *Verdade e Interpretação – Perspectivas da Filosofia*, publicada em 1986, Davidson dá consistência a duas ideias através da concepção coerencial da verdade, das frases e do conhecimento: coerência produz correspondência; correspondência não exige confrontação. A ideia de confrontação de frases com as respetivas experiências deve ser abandonada a partir do desenvolvimento semân-

tico com características epistemológicas na direção de uma teoria do sentido e da verdade como coerência de crenças. Para além das crenças do autor, Davidson salienta duas razões para ultrapassar a procura de base epistemológica para o conhecimento: fundamentação das crenças no testemunho dos sentidos (sensação, percepção e experiência); certeza de que as coisas parecem ser. A partir da certeza obtida no interior do sistema de crenças do autor, uma teoria coerencial fornece aos céticos razões para acreditarem que crenças coerentes são verdadeiras. A terminar realçamos o já afirmado: a orientação epistemológica da causalidade desenvolve-se no ambiente argumentativo, no seu estatuto, poderes e na articulação da verdade com o racionalmente aceitável.

4. Plano de comunicação para sensibilizar o Papa Francisco para a conveniência da Igreja Católica assumir mudanças

Este ponto consiste numa aproximação metodológica para dotar pessoas e organizações/instituições que possam sensibilizar o Papa Francisco no sentido de iniciar estudos que permitam eliminar o celibato obrigatório de padres e bispos e o acesso de mulheres ao sacramento da ordem.

No estabelecimento do *Plano de Comunicação* destaca-se:

a. Necessidade de encontrar quem esteja em condições para assumir a ação junto dos ambientes religiosos de Portugal e do Vaticano. Esta questão, decisiva, considera-se hipotética tendo como objetivo provocar dinâmicas que a concretizem. Para cuidar de *riscos provocados pela dificuldade de comunicação* deixam-se referências sobre a *racionalidade sistémica* de Luhmann, substituindo critérios de verdade e de justiça por transparência e coerência como condição de estabilidade do processo. Sobre este assunto João Pissarra Esteves, na “*Apresentação*” da obra de Luhmann “*A Improbabilidade da Comunicação*”, diz: “*A perspectiva de Luhmann é a de uma abordagem problematizante da comunicação, que começa precisamente por questionar as condições de improbabilidade da própria comunicação – a questão da improbabilidade tem, aliás, um alcance teórico mais amplo, relacionada com o processo social de ajustamento de expectativas e com a aceitação vinculativa de decisões sem exigência de motivação racional*” (Luhmann, 2006, p. 23)

b. Ideias para chaves e planos para o êxito da comunicação em novas realidades profissionais e sociais envolventes da Igreja dando prioridade à comunicação praticando *o modelo de mediação* relevando *critérios epistémicos*.

c. Para a gestão estratégica da *Comunicação*, mesmo que seja trabalhada a nível individual, importa considerar a permanente procura de converter o *Plano* em realidade.

d. Avaliar os resultados servindo-se da técnica de elaboração e controlo de projetos baseada no *PERT (Project Evaluation and Review Technique)* adaptado ao *modelo de mediação* para controlar e verificar se as estratégias foram as corretas e, se necessário, proceder a ajustamentos ou alterações nas tarefas.

Conclusões

A comunicação pode ser considerada inovadora ao *levantar* em ambiente académico de sabedoria, dinâmica e favorável à mudança, questões relacionadas com a Igreja Católica suscetíveis de provocar transformações sociais. O *modelo de mediação* proposto foi apresentado com mais pormenor em *critérios epistémicos e pragmática*, paradigmas indispensáveis ao sucesso do projeto. Para encontrar resposta para a forma de atuar sugeriu-se a organização de um Encontro pela área *Ciência das Religiões* da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. A lembrança prática que constitui o ponto 4, *plano de comunicação*, parte do princípio da existência de *tempo oportuno* para sensibilizar o Papa Francisco para dinamizar processos que permitam eliminar o celibato obrigatório de padres e bispos e o acesso de mulheres ao sacramento da ordem.

Bibliografia

- Ambrogetti, F. & Rubin, S. (2013). *Papa Francisco – conversas com Jorge Bergoglio*. Lisboa: Paulinas Editora.
- Borges, A. (Coord.) (2014). *Deus ainda tem futuro?*. Lisboa: Gradiva.
- Bourdieu, P. (2003). *Questões de sociologia*. Lisboa: Fim de Século.
- Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. Lisboa: Difusão Editorial.
- Bourdieu, P. (1998). *O que falar quer dizer*. Lisboa: Difusão Editorial.
- Bourdieu, P. (2001). *Razões práticas – sobre a teoria da acção*. Oeiras: Celta Editora.
- Chuen-Tao, L. Y. (s.d.). *PERT e CPM – aplicações práticas*. Lisboa: Ed. Pórtico.
- Douthat, R.; SJ, D. H.; Ivereigh, A.; Schlegel, J-L. & Weigel, G. (2015). *O Papa no seu tempo*. Alfragide: Publicações Dom Quixote.
- Francisco, P. (2015). *Louvado sejas, carta encíclica Laudato si’, sobre o cuidado da casa comum*. Lisboa: Paulinas Editora.
- Luhmann, N. (2006). *A improbabilidade da comunicação*. Lisboa: Veja Limitada.
- Nova Bíblia dos Capuchinhos* (1998). Fátima, Lisboa: Difusora Bíblica.
- Pena, A. O. (2006). *A comunicação como forma para reduzir a incerteza em situações complexas de decisão*. Dissertação de doutoramento não publicada). FCSH/UNL.
- Rodrigues, A. D. (2005). *A partitura invisível – para a abordagem interactiva da linguagem*. Lisboa: Edições Colibri.
- Rojas, E. (2015). *Vive a tua vida*. Lisboa: Matéria-Prima Edições.
- Sanches, M. (2002). *Donald Davidson – acerca da correspondência, coerência e cepticismo*. Coimbra: Edições Angelus Novus.
- Wolf, N. (2014). *Vagina – uma nova biografia*. Funchal: Editora Delphi.